

## FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA BIBLIOTECONOMIA

**Sebastião de Souza**

Departamento de Biblioteconomia e Documentação

Universidade Federal da Paraíba

58000 João Pessoa, PB

Estabelece um confronto entre os binômios Filosofia e Ciência e Biblioteconomia e Informação, estudando seus conceitos e abrangência. Apresenta as correlações da Biblioteconomia com a Filosofia e a Ciência, procurando ressaltar os seus fundamentos filosóficos e científicos.

### 1. INTRODUÇÃO

Até que ponto pode-se considerar a Biblioteconomia uma ciência? Quais os princípios filosóficos que fazem dela uma verdadeira ciência? Será ela, apenas, uma técnica ou uma arte, ou mesmo poder-se-á apresentá-la como metaciência, em força do seu próprio objeto: a informação?

Aí estão algumas perguntas cruciais para a Biblioteconomia e difíceis de serem respondidas. Não é intenção deste artigo responder a todas, em profundidade; pretende-se, apenas, levantar algumas idéias que sirvam de subsídio para estudos e discussões posteriores, nesta área.

Em geral os bibliotecários não gostam de pensar, mas de agir; não são amantes da reflexão, mas da ação. Entretanto, tão importante quanto o agir é o pensar. Já dizia Voltaire, em um de seus escritos, que o mundo é feito de idéias. Assim, não se faz ciência ou profissão apenas com a ação; as idéias e os princípios as precedem.

Nenhuma ciência sobrevive, portanto, sem um corpo de teorias e princípios; eles constituem o próprio sustentáculo da profissão, a sobrevivência e o progresso da própria ciência.

### 2. FILOSOFIA E CIÊNCIA

O homem é um filósofo nato. Desde criança, na fase dos porquês, cobre os pais de perguntas sobre a origem das coisas; ele é um eterno curioso e possui uma vontade imensa de tudo saber. Essa incessante busca da sabedoria constitui também o próprio objeto da filosofia e da ciência.

Na antiguidade, filosofia e ciência eram uma só coisa. O filósofo era essencialmente um sábio, e o sábio só era sábio se fosse também filósofo. A filosofia e a ciência buscavam as causas supremas das coisas, e nessa busca perene as ciências foram surgindo, se formando e se desmembrando da filosofia, conservando, porém, aqueles princípios filosóficos fundamentais, sem os quais elas não seriam ciências.

A filosofia mantém, portanto, um relacionamento geral com todas as ciências e uma relação especial com cada uma delas. A ciência procura construir todo um edifício de teorias; a filosofia procura explicar os fundamentos desse edifício de teorias. A ciência se acomoda na determinação das leis dos fenômenos; a filosofia quer conhecer a natureza mais profunda e as causas primeiras desses fenômenos. A filosofia ultrapassa o sensível e tenta conhecer, através da razão, os mais universais princípios de tudo.

A filosofia, diz Thibaudet, apud Huisman (4), "não é a adição das ciências, não é a ciência de tudo, mas a ciência do todo." Ela não é uma colcha de retalhos, formada com pedaços de todas as ciências; ela é um todo harmônico e racional, e é ela que empresta um pouco de si para todas as demais ciências.

A filosofia é, também, um ato de reflexão crítica sobre o saber; nada, no mundo, é estranho à filosofia. Ela medita e reflete sobre a arte e a técnica, sobre a vida quotidiana e sobre todas as experiências vivenciadas pela criatura humana. Filosofia é vida.

Por sua vez, a ciência já foi definida como a acumulação sistemática do saber, como um "sistema de proposições rigorosamente demonstradas, constantes, gerais e ligadas entre si pelas relações de subordinação", numa definição de Marinho (7). Outros ainda a definem como um conjunto de verdades ou conhecimentos certos e gerais, relativos a um determinado número de fenômenos, ligados metodicamente entre si, pelas leis de causa e efeito. Conseqüentemente, o conhecimento científico é o surgimento de conhecimentos certos, gerais e metódicos e de verdades aplicáveis em todos os tempos.

### 3. BIBLIOTECONOMIA E INFORMAÇÃO

A Biblioteconomia é definida por Fonseca (3) como o "conhecimento e a prática da organização de documentos em bibliotecas, objetivando sua utilização pelo maior número de interessados"; e acrescenta: "a Biblioteconomia é um dos ramos da Bibliologia e se relaciona com o que modernamente se convencionou chamar Ciência da Informação".

Etimologicamente essa definição está correta. Entretanto, a Biblioteconomia, atualmente, já estendeu o seu alcance e sua abrangência. Não se pode considerá-la, apenas, como o "conhecimento e a prática da organização de documentos em bibliotecas". Ela é muito mais do que isso. O próprio conceito de Bibliologia, considerado mais geral do que o de Biblioteconomia — tendo em vista que o ter-

mo *logos* é mais geral do que o termo *nomos*, em grego – não seria o nome mais exato para definir toda a abrangência da Biblioteconomia atual. Assim, se fosse possível propor a mudança de seu nome, tendo em vista o seu objeto de estudo e sua abrangência, a chamaríamos hoje de Informologia, Informatologia ou Ciência da Informação, que, etimologicamente, é o que significa.

Esse conceito de maior abrangência da Biblioteconomia está fundamentado na relação triádica de Nitecki (10), que a definiu como o “estudo empírico, racional e pragmático das relações entre o livro, o usuário e o conhecimento. O estudo empírico implica no conhecimento das experiências atuais e passadas; o estudo racional se refere aos conceitos intelectuais e aos postulados apriorísticos, a fim de formalizar um conhecimento conforme a razão; e o estudo pragmático se prende às conseqüências atuais verificadas no uso da informação, a fim de se chegar a uma experiência comum.”

O objeto da Biblioteconomia é, portanto, a informação, que por sua vez é também o objeto de estudo de muitas outras ciências. Este é o caráter multidisciplinar da Biblioteconomia e que faz dela uma metaciência, uma supraciência.

A Biblioteconomia, entendida aqui como informatologia ou ciência da informação, é o “estudo dos fenômenos ligados à produção, organização, difusão e utilização de informações em todos os campos do saber.” (2)

A informação não é, apenas, objeto de estudo da Biblioteconomia; ela é um elemento dinâmico, transformador, e esta conotação é que lhe dá foros de ciência, pois ciência é desenvolvimento, ciência é transformação, ciência é vida.

A Biblioteconomia, assim entendida como ciência da informação, tem suas raízes na própria história da humanidade, pois a informação sempre marcou presença na vida do homem e em todos os segmentos da sociedade.

A informação, objeto material da Biblioteconomia, determina também o seu objetivo: informar. Neste simples verbo, que etimologicamente significa tomar forma, dar vida a alguma coisa, está a grande missão do bibliotecário, do cientista da informação. Informar pressupõe, numa primeira etapa, o controle do conhecimento e, numa segunda etapa, a disseminação desse conhecimento.

Informar vai obrigar o bibliotecário a assumir, perante a comunidade à qual serve, uma atitude metodológica, uma atitude científica no tratamento da informação; vai solicitar dele um alto espírito científico, o qual, no dizer de Nerici (9), exige “uma série de qualidades ou atitudes e que não são encontradas no comum dos homens: sólida formação moral, independência de pensamento, espírito positivo, espírito crítico, imparcialidade, pensamento desinteressado, fé na ciência e sentimento de responsabilidade social”.

#### 4. BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA

O surgimento das ciências sociais é recente; vai pouco além de um século e meio e se iniciou com os estudos de economia política de Adam Smith e David Richard, na Inglaterra.

A Biblioteconomia deve também o seu aparecimento, como ciência social, nessa época, à classificação das ciências feitas por Dewey, que utilizou números para agrupá-las.

A introdução da edição abreviada da CDU, em inglês, citada por Vickery (11), diz que "o ponto de partida de Dewey foi o pensamento crítico especulativo, de modo que o grupo 1 foi constituído da Filosofia. O espírito individual, ainda não absorvido na multiplicidade dos fenômenos, mas concentrado na abrangência, fica próximo à Religião. . . Conseqüentemente, nos dois primeiros grupos encontra-se uma transição da concepção individual para a concepção coletiva, uma transição que assume uma forma mais concreta no grupo 3, onde se acham as Ciências Sociais. . . Em seguida, a comunidade que busca e constrói seu conhecimento faz uso da Linguagem. . . Então, segue a Ciência Pura. . . levando às Ciências Aplicadas."

As demais classificações de ciência, surgidas dentro da Biblioteconomia, como a de Bliss, Cutter, Richardson e outros, foram eivadas de empirismo. A teoria não foi levada em conta. Esse foi o primeiro grande tropeço científico da Biblioteconomia.

A própria CDU, cuja base é a CDD, está baseada não numa concepção filosófica da estrutura do conhecimento, mas no empirismo e na prática. A CDU, no dizer de Vickery (11), "é simplesmente um sistema de recursos práticos para a análise multimensional do conhecimento".

Ranganathan, um dos maiores teóricos que a Biblioteconomia já teve, concentrou sua atenção na formulação de sua teoria em classificação, num modo quase matemático de tratar a estrutura geral do conhecimento. Ele mostrou, diz Vickery (11), "que a área do conhecimento, isto é, o número de assuntos específicos que devem ser selecionados numa classificação, é potencialmente infinito: entre dois pontos no sistema deveria ter sido inserido um número indefinido de novos pontos. Além do mais, o conhecimento é multidimensional: as interligações de cada conceito espalham-se em muitas direções e, usualmente, cada assunto é uma síntese de vários conceitos múltiplos ligados."

A Biblioteconomia não possui, até hoje, um corpo definido de teorias, de leis, como existe na Física, na Química e na Matemática. E nem poderia ter, pois ela não é uma ciência exata. Além do mais, qual das ciências sociais já possui um quadro teórico bem definido? Se do ponto de vista científico a Biblioteconomia, *strictu senso*, não pode ainda ser considerada uma ciência, ela tem, todavia, seus princípios e suas teorias, que fazem dela quase uma ciência.

A Biblioteconomia, para tornar-se uma ciência, deve aprofundar-se na sua verticalidade e não ficar, apenas, na sua horizontalidade de superfície. Os princípios de Ranganathan, por exemplo, em número de cinco, são muito mais profundos e, de certa forma, resumem os 17 de Thompson. Este, aumentando o número, reduziu a abrangência de cada um; a quantidade reduziu a qualidade.

Um rápido exame dos cinco princípios de Ranganathan, que McCarthy (6) chama de "os princípios mais importantes que governam a Biblioteconomia", comprovam que eles constituem um corpo teórico, já bastante entremeadado de filosofia e ciência.

1º — **Os livros são para o uso** — Neste princípio está implícito o desejo da sabedoria, o conceito da universalidade da informação e, conseqüentemente, a obrigatoriedade do bibliotecário de levar a informação a todas as camadas sociais e de não se trancar na torre de marfim de sua biblioteca, mas de ser o missionário da informação para todos os tipos de usuários possíveis, do pesquisador ao analfabeto. Um outro conceito inserido neste princípio é que a biblioteca deve ser o reduto da cultura e da liberdade; deve ter um horário de funcionamento que facilite a sua utilização pelo usuário e não limitar o acesso à informação, dentro da biblioteca, com normas restritivas e burocráticas.

2º — **Para cada leitor o seu livro** — Está inclusa, neste princípio, a necessidade de dar a informação correta, de utilizar a disseminação seletiva da informação; a necessidade de o bibliotecário ter uma sólida cultura geral, para saber dar, a cada tipo de usuário, a informação que ele deseja, e atender a todos igualmente e com imparcialidade, com o respeito que a pessoa humana merece. Este princípio, como diz Fonseca (3), "em oposição à mentalidade elitizante de que os livros existiam para o proveito de uns poucos, . . . impõe que eles existam para todos, assim como a moderna pedagogia não admite privilégios."

3º — **Para cada livro o seu leitor** — Neste princípio está contida a única restrição ao princípio anterior, que nem tudo é para todos. Ressalvados os direitos de todo o ser humano à liberdade, à vida e à informação, o bibliotecário deve funcionar como um filtro entre a informação e o usuário. Assim, como não se receitam comidas pesadas para doentes com problemas gastrointestinais, também não se fornecem livros fortes para espíritos fracos e impressionáveis. Deve-se respeitar também os diferentes tipos de usuários; diferenças de idade e diferenças culturais, psicológicas, educacionais, etc. Fonseca enfatiza: "nunca, porém, se admite em Biblioteconomia a censura ou restrições de ordem religiosa, ideológica, política ou moral." (3)

4º — **Poupe o tempo do leitor** — Este princípio é típico de um pesquisador como Ranganathan. Ninguém gosta de esperar. Nada mais maçante do que ficar numa fila da seção de circulação, à espera da boa vontade dos funcionários para se poder retirar um livro emprestado; e, quando à esta espera se acrescentam a morosidade e a incompetência dos atendentes, então temos o caos total. Quantos leitores as bibliotecas já perderam por causa das atitudes burocráticas e incompetentes dos funcionários, especialmente das seções de circulação e referência? É necessário desburocratizar a biblioteca, torná-la eficiente, eficaz e realmente democrática, pois as bibliotecas são os redutos de liberdade de pensamento, num

país de censura, e os seus usuários devem ser o centro das preocupações de seus funcionários.

5º — **A biblioteca é um organismo em crescimento** — Este último princípio dá à Biblioteconomia o seu caráter científico, pois se a ciência é a soma de tudo, a acumulação do conhecimento, o avançar metodicamente do caminho do saber; e se a biblioteca, entendida no seu sentido mais geral, é algo que cresce, progride, algo dinâmico, então temos aqui a primeira lei da Biblioteconomia, a qual, por ser geral, é também aplicável a qualquer ciência. Está implícito também, neste último princípio, a necessidade de controlar a informação em face da explosão informacional, que é, "ao mesmo tempo, causa e efeito do progresso das ciências, das letras e das artes", como afirma Fonseca (3).

## 5. BIBLIOTECONOMIA E FILOSOFIA

Estas duas disciplinas têm muito em comum. O objeto da Filosofia é a sabedoria; o saber implica em conhecer; o conhecimento implica em informação, que, por sua vez, é o objeto da Biblioteconomia. Portanto, ambas possuem o mesmo objeto material, a sabedoria.

Elas se diferem, entretanto, nos seus objetivos. O da Filosofia é procurar as causas últimas das coisas, e o da Biblioteconomia é delimitar o universo do conhecimento para poder tratá-lo e disseminá-lo; seu objetivo é informar, é tornar possível à criatura humana a informação.

A função primordial da Filosofia é a reflexão, o pensamento, o aprofundamento para o melhor esclarecimento das causas das coisas. E a função precípua da Biblioteconomia é saber controlar a informação e como irá servir a cada segmento da sociedade.

A Biblioteconomia, como as demais ciências, se utiliza dos princípios lógicos da Filosofia para o seu progresso científico. O seu método é essencialmente indutivo; parte da observação, da experiência, procurando a sistematização das teorias. A Filosofia se utiliza também do método experimental, mas o seu método principal é o racional.

Como se vê, Filosofia e Biblioteconomia se completam. Uma, a Biblioteconomia, precisa da outra, a Filosofia; e esta, na sua universalidade, lhe empresta todo aquele contexto metodológico, todo aquele aparato fundamentalmente científico, para fazer da Biblioteconomia uma ciência, pelo menos em seu sentido lato.

Dessa ligação direta entre as duas surgiu a Filosofia da Biblioteconomia, que pode ser definida como **um conjunto de teorias, princípios e métodos que procuram fazer da Biblioteconomia uma ciência.**

A Filosofia da Biblioteconomia implica em questionar como raciocina o bibliotecário, como ele busca e se utilizada dos princípios filosóficos aplicáveis a todas as ciências, para a construção das teorias biblioteconômicas. Fazer Filosofia

da Biblioteconomia é não colocar limites à inteligência criativa do bibliotecário, é fornecer-lhe os subsídios para teorizar e praticar; é dar-lhe condições de buscar as causas dos problemas que surgem no seio de sua profissão, é dar-lhe condições de pensar e agir de forma metódica e constante em prol da informação.

Filosofia da Biblioteconomia é a reflexão profunda sobre si mesma, sobre seus conceitos, abrangência, correlações, funções; é o repensar sobre tudo o que fez, faz e fará; é a reflexão sobre cada uma de suas partes e divisões, sobre cada uma de suas etapas; é a reflexão sobre o como e o por quê de cada ação bibliotecária.

## 6. CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho muitos conceitos foram arrolados e contrapostos. Ficou claro que não se pretendeu dar um aprofundamento maior ao problema da cientificidade da Biblioteconomia, e os seus princípios filosóficos e científicos foram também apresentados de forma sucinta. Assim, uma conclusão aqui seria desnecessária, a não ser esperar que os teóricos da Biblioteconomia se aprimorem cada vez mais nos estudos de suas teorias e se armem de um verdadeiro espírito científico, capaz de acelerar o processo de cientificidade da Biblioteconomia. O que se espera dos bibliotecários é que sejam reflexivos enquanto pensam, sábios enquanto teorizam e firmes enquanto agem, porque o futuro da Biblioteconomia, como ciência e como profissão, só depende deles, porque o homem é o agente e o fim de seu próprio desenvolvimento.

*Artigo recebido em 12.08.85*

### Abstract:

Philosophical foundations of Librarianship

An attempt is made to establish the relationships between philosophy and science, librarianship and information, through the study of concepts and scope, trying to enhance the philosophical and scientific basis and principles of librarianship.

### REFERÊNCIAS

1. BUTLER, P. *Introdução à ciência da biblioteconomia*. Trad. de Maria Luíza Nogueira. Rio de Janeiro, Lيدador, 1971. 86 p.
2. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. *Ciência da informação, biblioteconomia e arquivologia*. In: . *Avaliação e perspectivas*. Brasília, 1978, v. 9, p. 47-67.
3. FONSECA, E. N. da. *Biblioteconomia*. Brasília, UnB, 1973. 12 p. mimeog.
4. HUISMAN, D. e VERGEZ, A. *Curso moderno de filosofia; introdução à filosofia das ciências*. 6 ed. Trad. de Lélia de Almeida Gonzales. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1976. p. 157.
5. JOLIVET, R. *Curso de filosofia*. 12 ed. Trad. de Eduardo Prado de Mendonça. Rio de Janeiro, Agir, 1976. 445 p. il.
6. MCCARTHY, C. M. *Estado atual e objetivos da biblioteconomia*. João Pessoa, s. d. 20 p. xerog.

7. MARINHO, I. P. **Introdução ao estudo da metodologia científica**. Brasília, Latina, s. d. p. 34.
8. MUKHERJEE, A. K. **The philosophy and history**. Bombay, Asia Publishing House, 1966. p. 9-23.
9. NERICI, I. G. **Introdução à lógica**. 3 ed. São Paulo, Nobel, 1976, p. 108.
10. NITECKI, J. Z. **Reflection on the nature and limits of Library Science**. *The Journal of Library Story*, 3(2): 103-119, Apr. 1968.
11. VICKERY, B. C. **Aspectos históricos da classificação da ciência**. In: **Classificação e indexação das ciências**. Trad. de Maria Christina Girão Pirolla. Rio de Janeiro, BNG/Brasilart, 1980. p. 187-223.